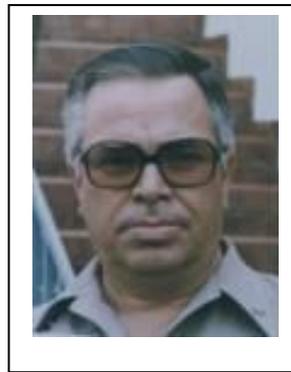


A INFANTARIA E A SUA ARMA DE CHOQUE EVOLUÇÃO HISTÓRICA

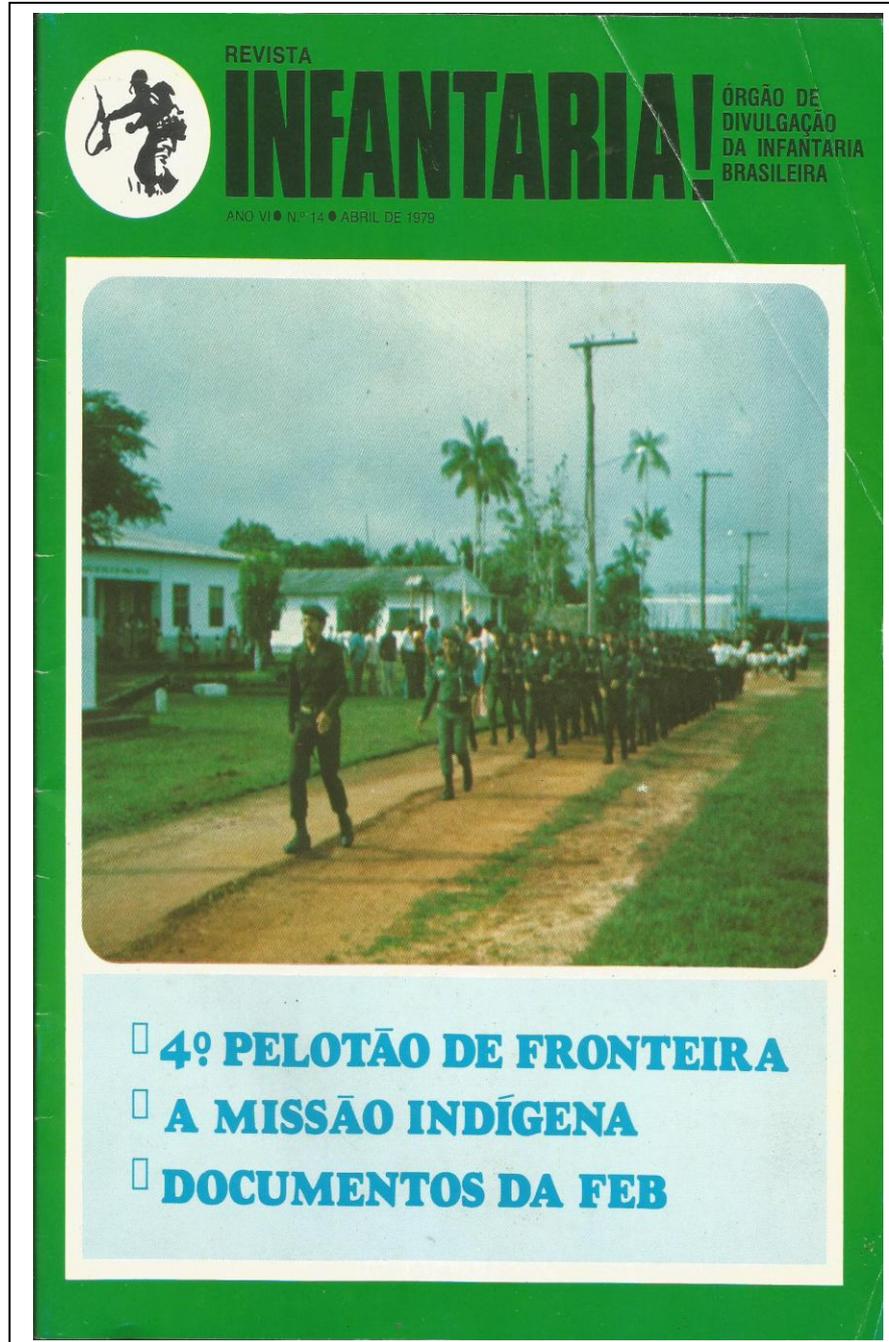
FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHDRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Desde 1978 esta ligado a Resende onde foi instrutor de História Militar na AMAN. E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia.

Digitalização de artigo do autor na **Revista da Infantaria Brasileira**, Abril 1979,p. 22/23, editada pelo Curso de Infantaria da AMAN,para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB . doado em Boletim a AMAN e em levantamento para colocá-lo no Programa Pergamium de Bibliotecas do Exército



Especial para a revista Infantaria!

Ten. Cel. Eng. QEMA Cláudio
Moreira Bento(x)
(Instrutor de História Militar)

A primitiva arma de choque dos infantes das falanges gregas e das legiões romanas foi o pique, espécie de lança mais pesada e resistente, de cerca de 3 metros de comprimento. Com a descoberta da pólvora e sua posterior introdução no Ocidente, surgiria a arma de fogo individual no campo de batalha, inicialmente o arcabuz e após o mosquete, substitutas das primitivas armas de arremesso, o arco e flecha e o aperfeiçoamento das mesmas, as bestas, armas usadas, na época do Descobrimento. Os piques ainda continuariam presentes por séculos no campo de batalha ao lado daquelas armas. Foi com o uso de piques combinado com o de mosquetes que os holandeses enfrentaram os lusobrasileiros, nas batalhas de Montes das Tabocas e dos Guararapes, os quais seguiam fundamentalmente a Doutrina Militar Espanhola, com base no terço de Infantaria e enriquecida pela Doutrina Brasileira ou "Guerra Brasileira", como era conhecida na Europa e desenvolvida essencialmente com base na Guerra de Emboscada, praticada nos 20 últimos anos contra o invasor holandês e que tirava o máximo partido do corpo a corpo à espada.

Infante grego
armado de
pique, arma que
nas falanges
de Alexandre
Magno alcançou
6 a 8 metros
de comprimento.



Infante das
legiões romanas
levando em
seu ombro
sua arma
de choque
— o pique.



Pique usado
pelas
infantarias
da Europa
a partir do
século 14.
Seu comprimento
atingiu mais
de 6 metros.

Com os progressivos aperfeiçoamentos da arma individual de fogo que lhe conferiram maior velocidade, alcance e precisão de fogos, particularmente após a invenção do cartucho pelo Rei Gustavo Adolfo da Suécia (sec 17), a densidade de piques nas massas de Infantaria passou a diminuir sensivelmente.

O pique somente desaparecia por completo do campo de batalha como arma de choque do infante, com a introdução da baioneta com todos os seus aperfeiçoamentos. A descoberta da baioneta provocaria grande revolução no campo de batalha. Ela foi inventada pelo general engenheiro Vauban, o maior e mais inventivo engenheiro militar da História. Foi Vauban que comandou os exércitos de Luís XVI, no cerco vitorioso de mais de 50 praças-fortes inimigas. Foi o inventor do tiro de ricochete, para atingir as guarnições dos canhões das fortalezas e os ângulos internos de seus baluartes. Foi o criador de um cinto protetor ao longo das fronteiras marítimas e terrestres da França, integrado por cerca de 350 fortalezas equipadas com canhões de grosso calibre. Foi o primeiro a usar fogos cruzados. E-lhe atribuída a primazia do uso de fortalezas razantes, recobertas de terra. No entanto, no Brasil, este tipo de fortaleza já fora usada pelos patriotas, contra os holandeses, nas Guerras Holandesas, em Pernambuco. As fortalezas do Arraial Velho e Arraial Novo do Bom Jesus, ambas QG da resistência ao invasor, em épocas distintas, e cujos vestígios ainda existem no Recife, eram fortalezas rasas com



Arco e flecha, primitiva arma de arremesso do infante e ancestral do fuzil.



Bestas, aperfeiçoamento do arco e flecha comuns, introduzidas nos campos de batalha a partir do século 11. Foi o armamento principal das entradas realizadas no Nordeste no século 16.



Colônias Americanas 1640

Arcabuz, primitiva arma de fogo descoberta no século 15, por volta do Descobrimento do Brasil. Foi muito usada pelos bandeirantes nas suas expedições em nosso interior pelos efeitos desmoralizantes que provocavam sobre os indígenas. Foram substituídas pelos mosquetões, armas de tiro instantâneo, que dispensava a mecha, espécie de estopim que não permitia o tiro na hora desejada.

muralhas de terra, ao contrário das fortalezas holandesas-fortes da Cinco Pontas, do Brum e de Orange ainda existentes e com muralhas de alvenaria.

Curiosamente observa-se em Pernambuco uma preocupação patrimonial com a preservação dos fortes erigidos pelo invasor, para oprimir os brasileiros, e nenhuma com a preservação dos fortes erigidos pelos luso-brasileiros, para abrigarem o espírito de resistência, que culminou com a expulsão dos holandeses, feito memorável com tantas projeções na Integridade e Unidade do Brasil. O Forte do Arraial Novo do Bom Jesus inclusive desapareceu de carta do Recife de 1971, por esquecimento do cartógrafo.

As primitivas baionetas não permitiam o tiro quando caladas no fuzil. Ao serem usadas nas cargas, em corpo a corpo, costumavam ficar presas nos corpos do inimigo, tendo de serem retiradas à mão. A descoberta da vareta e do alvado de fixação da baioneta à arma, tirando-a da trajetória de tiro da mesma, provocaria o desaparecimento definitivo do pique do campo de batalha. O fuzil à baioneta passou a sintetizar, desde então, numa só arma o primitivo pique para combate corpo a corpo, com a arma de fogo para atingir o inimigo à distância.

Os primitivos fuzis eram mais longos para fazerem, com a baioneta armada ou calada, o primitivo papel dos piques das falanges e legiões. Diferiam do mosquetão e respectivas baionetas, usadas pela Cavalaria, demais armas e serviços, principalmente como armas de fogo.



Fuzil com baioneta, introduzida no século 18 e que permitiu a fusão numa só arma do clássico pique, como arma de choque, e do mosquete, como arma de tiro (arremesso).

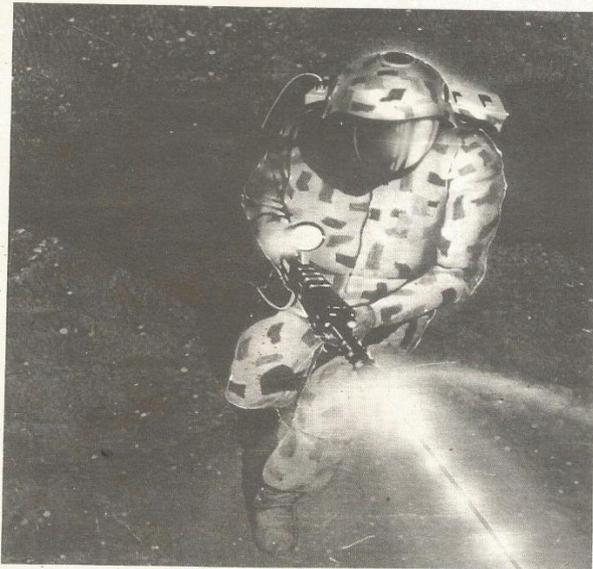
Fuzil a baioneta das guerras napoleônicas, ainda de carregar pela boca, já com a baioneta permitindo o tiro quando calada.



Fuzil a baioneta da I GM com capacidade de mais de 4 tiros na câmara, fogo por repetição.

Fuzil a baioneta da II GM com mais de 5 tiros e semi-automático.

Fuzil semi-automático usado na atualidade, com capacidade de 20 tiros. Repare-se a sensível diminuição do seu comprimento, bem como o de sua baioneta.



Previsão do fuzil ao infante do ano 2000, à base de emissão de raios laser.

Com a progressiva evolução da capacidade, alcance e velocidade de tiro dos fuzis modernos, seus comprimentos e respectivas baionetas têm diminuído sensivelmente, por haverem se tornado essencialmente armas de choque. O primitivo pique foi praticamente abandonado, em razão da enorme densidade de fogos obtida pelo moderno fuzil.

O estudo do ontem da arma de choque do infante permitiu-nos entender o hoje e estimar seu amanhã. Dentro do espírito da última idéia, cientistas da guerra prevêem para o ano 2000 a eliminação completa da baioneta, inventada por Vauban, e a substituição completa dos fuzis convencionais por armas semelhantes, com base na emissão de raios laser. Referidas armas seriam usadas dentro da mesma filosofia, com a qual os piques foram usados pelos infantés desde os tempos imemoriais e o fuzil há menos de meio milênio.

Com o advento do fuzil a raio laser, espera-se o retorno do uso pelo infante do milenar escudo de proteção, agora construído de porcelana para desviar, por reflexão, os raios laser, os piques do ano 2000.

Fontes:

- AMAN. *História da Doutrina Militar*. Resende, Sec Ens A, 1978.
- ATLAS HISTÓRICO E GEOGRÁFICO-MEC. 1973.
- BENTO, Cláudio Moreira, TC *Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro*. Brasília, EME-EGCF, 1978.
- LEDEEN, Michael. "As Armas do Futuro". *Ele-Ela*, fev. 1979.

(x) O autor é membro das seguintes instituições: Academia Brasileira de História, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico do RGS e Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná.